

ANÁLISE SEMIÓTICA DA LÍNGUA DE SINAIS
SEMIOTIC ANALYSIS OF SIGN LANGUAGE

Elisa Maria PIVETTA
UFSM/UFSC, Brasil
elisa@cafw.ufsm.br

Daniela Satomi SAITO
IFSC/UFSC, Brasil
daniela.saito@gmail.com

Carla da Silva FLOR
UFSC, Brasil
carla.flor@gmail.com

Richard PERASSI Luiz de Sousa
UFSC, Brasil
perassi@cce.ufsc.br

Resumo. Este artigo traz uma discussão a respeito da iconicidade e arbitrariedade da língua de sinais sob a ótica peirceana. São considerados os conceitos semióticos da teoria de Peirce (2005), discorrendo sobre o processo de significação e definição da diferença entre língua e linguagem. Em seguida, são exploradas as vias estruturais das línguas de sinais, classificadas em sinais icônicos e arbitrários. Como resultados da discussão, considera-se que os sinais só podem ser classificados como icônicos para alguém que não conhece a língua, porque para os que conhecem prevalece o reconhecimento da convenção. Além disso, há também os classificadores, que não são sinais convencionalizados, portanto estão mais próximos da definição de ícone por Peirce, apesar de terem configurações de mãos já previamente estabelecidas.

Palavras-chave: Iconicidade; Arbitrariedade; Língua de sinais.

Abstract. This paper discusses the iconicity and arbitrariness of sign language in Peircean perspective. In this study, the semiotic concepts of Peirce (2005) are considered discussing the signification process and the difference between language and speech. Then, the structural pathways of sign language are explored, and classified as iconic and arbitrary. As results of discussion, it is considered that sign language just can be classified as iconic to someone who not knows sign language, because for those who know, prevails convention recognition. Furthermore, there are classifiers, that are not conventionalized signs, and therefore are closer definition of Peirce's definition of a icon, although having previous determined hands configuration.

Keywords: Iconicity; Arbitrariness; Sign Language.

1 Introdução

Faz parte da natureza humana a capacidade de criar, imitar, reproduzir e transformar para se comunicar uns com os outros. Embora a língua não seja a única maneira utilizada para a comunicação, ela é parte inerente do ser humano e serve para comunicar, seja de maneira oral, gestual ou escrita (CHAMARELLI FILHO, 2008). Na modalidade gestual, ela é considerada uma língua visual que utiliza sinais e expressões faciais e corporais para a comunicação. No Brasil, a língua gestual é conhecida como Língua Brasileira de Sinais (LBS) ou simplesmente Libras. Libras é considerada a língua natural e oficial dos surdos, reconhecida pela Lei n° 10.436, de 24 de abril de 2002 (QUADROS, 2005).

Assim como as línguas orais, a Libras é um sistema linguístico que possui estrutura gramatical própria. No entanto, a sua capacidade de reproduzir visualmente os objetos no ar tem levado os linguistas a classificarem-na de acordo com características de iconicidade e arbitrariedade. Os estudos sobre iconicidade e arbitrariedade remontam os trabalhos de Peirce (2005), que estudou a natureza dos signos sob o enfoque da tríade *representâmen-objeto-interpretante*.

Com efeito, para desenvolver este trabalho, foi investigada a possibilidade de haver publicações de artigos envolvendo a semiótica e a língua de sinais. Foram encontrados alguns trabalhos, como por exemplo, o texto de Marianne Stumpf²³, aqui citada por ser referência na área, todavia, mesmo abordando semiótica e Libras, não discorre especificamente o mesmo assunto. Tem-se a publicação de Ribeiro e Souza²⁴, que também retrata a semiótica na Libras, porém com um outro olhar. Por conseguinte, este tema, especificamente, ainda não faz parte do rol de publicações desta revista.

Assim, dentro do que se propõe, neste artigo fez-se uma revisão das principais características dos signos, baseado em Peirce (2005), comparando-as com as classificações da língua de sinais. Busca-se, com isso, fazer uma reflexão sobre a

²³ Texto base:

http://www.libras.ufsc.br/colecaoLetrasLibras/eixoFormacaoEspecificica/escritaDeSinaisII/assets/492/TEXT-O-BASE_EscritaSinais2.pdf (2013)

²⁴ http://editorarealize.com.br/revistas/fiped/trabalhos/f2f4e43af833897d0402a191fc97be2b_2760.pdf (2012)

evolução da língua de sinais, seus aspectos convencionais e arbitrários, assim como a construção não convencional dos chamados classificadores.

O artigo está dividido em seis seções. A primeira seção descreve a introdução deste trabalho. A seção dois discorre sobre a semiótica peirceana e o processo de significação. A seção três discorre sobre conceitos de língua e linguagem, dando especial atenção às línguas gestuais e aos sinais classificados como icônicos e arbitrários. A seção quatro apresenta a discussão acerca do tema, e a seção cinco apresenta as considerações finais. Para encerrar são listadas as referências utilizadas neste trabalho.

2 Semiótica peirceana

Peirce (2005), procurou conceituar como é possível compreender algo, comunicar e até mesmo construir ideias. Cada conceito elaborado, com formulação teórica e análise de cada um dos termos, sempre com desdobramentos, fez com que sua obra nunca fosse finalizada. Desse modo, esta seção fará uma síntese de alguns conceitos ora vitais para o entendimento deste trabalho, não sendo possível discorrer sobre seu lato trabalho.

A semiótica, termo construído a partir da palavra grega *semeion*, designa a filosofia das linguagens ou a ciência dos signos. Para Santaella (1983, p. 1), é a “ciência de toda e qualquer linguagem”, envolvendo conceitos importantes para entender a natureza do signo, da significação e da comunicação. Ciência esta que para Pignatari (2004), estabelece as ligações entre um código e outro, entre uma linguagem e outra. Entretanto, Peirce (2005), em seus escritos, designa a semiose e não o signo, seu objeto de estudo. A semiose é a produção de significados, ou seja, o processo de formação de significação onde a semiose é a “ação de qualquer signo” e o signo é “qualquer coisa que age assim” (NÖTH, 1995, p. 66).

Peirce (2005) define um signo como aquilo que representa alguma coisa para alguém. É uma entidade que estabelece relação entre três dimensões: o seu *representâmen*, o seu objeto e o seu interpretante, isto é, os componentes da tríade peirciana. Peirce (2005) também dividiu os signos segundo a sua qualidade representativa, sendo estes signos categorizados como ícones, índices e símbolos.

Um ícone é o *representâmen* que possui como qualidade a Primeiridade, ou seja, a capacidade de substituir qualquer coisa da qual compartilhe a semelhança. A Primeiridade de um signo é a própria imagem de seu objeto, ou mais propriamente uma ideia produzida no cérebro do interpretante (PEIRCE, 2005). Sendo assim, para Pierce (2005), um signo é icônico se ele representar o objeto principalmente por meio da similaridade, mas também por meio das analogias entre as relações, que são os diagramas; ou metáforas, que representam um paralelo com outra coisa qualquer. Santaella (2003) complementa, dizendo que, pelo fato da Primeiridade relacionar-se com uma qualidade da consciência imediata, é possível senti-la totalmente, sem dividi-la, nem analisá-la.

No nível da Secundidade, está o índice, que é um signo que representa um outro objeto com o qual ele tem uma ligação atual. Existe uma conexão entre objeto e signo, tal como os rastros e pegadas que indicam que uma pessoa ou um animal esteve presente naquele lugar ou as cinzas que podem representar que houve fogo. Qualquer artefato produzido é um índice que explicita de maneira mais ou menos direta a sua produção. No entanto, para existir o índice é necessário que haja uma mente interpretadora que faça uma conexão entre o signo (o rastro ou pegada, cinzas) e o fato (alguém passou por ali, fogo). Dessa forma, o índice nada mais é do que a constatação de uma relação física entre coisas que existem (SANTAELLA, 1983). Para Peirce (2005), tudo o que atrai a atenção ou surpreende pode ser considerado um índice, uma vez que estabeleça a conexão entre as partes da experiência. Um forte relâmpago supõe a ocorrência de algo, ainda que o evento seja desconhecido. Assim, pressupõe-se a ligação entre o fato ocorrido e a experiência passada.

Por fim, no nível da Terceiridade, há uma aproximação entre o primeiro e o segundo em uma camada de inteligibilidade ou pensamento em signos. Para conhecer e compreender qualquer coisa, a consciência produz um signo, ou seja, um pensamento que é uma mediação irrecusável entre nós e os fenômenos (SANTAELLA, 1983). Neste nível está o símbolo, caracterizado como um *representâmen* constituído de uma lei ou regra que determina o Interpretante. O objeto é representado pelo símbolo por meio de uma convenção, de um instinto natural ou de um ato intelectual, ainda que não haja qualquer relação factual ou ação entre o símbolo e este objeto (PEIRCE, 2005).

2.1 Processo de Significação

No processo de significação, o significado é um sistema de código socialmente convencionalizado, de modo a gerar funções sígnicas. Uma casa, um automóvel, uma peça de roupa comunicam um significado social, cultural, constituindo objetos semióticos. Nesse sentido, o signo, é parte que integra a cultura e existe enquanto informação codificada (MACHADO, 2003).

Santaella (1983, p.11) descreve que “o significado de um pensamento ou signo é outro pensamento”. Para a autora, o significado de um signo é outro signo, isto é, a partir da relação de representação que o signo mantém com o seu objeto, produz-se na mente outro signo que traduz o significado do primeiro. Por exemplo, para entender o significado de uma palavra é necessário recorrer a outra palavra que possa explicar aquela que a originou. No entanto, aquilo que não foi percebido pela mente, ou seja, não foi reconhecido, pode ser reconhecido por associação, recebendo significação. A associação se refere a percepções passadas, de forma que a mente adquire conhecimento através das experiências pelas quais passa, estabelecendo relações de semelhança ou comparação.

Pierce (2005, p.169) descreve que “o sentido é a impressão feita ou que normalmente deve ser feita. Seu significado é aquilo que é pretendido, seu propósito. Sua significação é o resultado real”. Quando um signo passa a ser significativo é porque passou a expressar, representar e comunicar ideias e sentimentos. Os órgãos sensoriais como visão, audição, tato, olfato ou paladar, possuem a capacidade de perceber elementos expressivos. Os sentimentos, pensamentos, coisas subjetivas, necessitam de formas de expressão para serem percebidas. As formas de expressão podem ser: gestos, sons, expressões faciais, rabiscos, manchas etc.

Existem inúmeros códigos que geram a possibilidade de dar sentido a diversas coisas com as quais não há uma preocupação em estudar formalmente. O indivíduo é capaz de dar significação a cada uma das diversas expressões faciais e corporais, dentre muitas outras codificações, sem dar conta de como aprende. Todas essas expressões são uma forma de linguagem, no entanto, apenas as convencionalizadas constituem, de fato, uma língua.

3 Língua e Linguagem

Embora a língua seja um produto social do domínio da linguagem, não se confunde língua com linguagem. A língua forma um conjunto de convenções que é adotado pela sociedade, permitindo o exercício da linguagem nas pessoas. A língua por ser um objeto concreto é o meio mais tradicional e natural de comunicação, e é determinada por convenções e classificações. Possui propriedades estruturais analisáveis, pelas partes que as compõem e que podem ser descritas separadamente. A linguagem por sua vez, pertence ao domínio cultural do indivíduo e não possui propriedades classificatórias. A linguagem é tanto produzida pelo indivíduo quanto formada socialmente, de maneira que não pode existir sem um ou outro (SAUSSURE, 2006).

Santaella (1986, p. 70) descreve que a língua é a parte fixa da linguagem e a linguagem é a língua em movimento, de modo que o ato de compreender, interpretar, traduzir um pensamento em outro, forma um ciclo em movimento ininterrupto. A linguagem é estabelecida através da associação entre as coisas que são percebidas e as lembranças de sensações, sentimentos e ideias despertadas pela percepção. Ela se constitui através da leitura, da escrita, de formas, volumes, forças, movimentos, imagens, sinais, luzes, sons, gestos, expressões, entre outras maneiras. A linguagem é a construção do pensamento e todos os recursos formais da linguagem servem para criar sentido, num processo de organização e informação (FIORIN, 2010).

A linguagem escrita ou falada é formada por meio de códigos convencionalizados de maneira arbitrária, a partir de uma língua, de modo a permitir a decodificação por todos os que a conhecem. Além da convenção é possível também estabelecer associações por analogias e por hábito, a exemplo das línguas gestuais, assunto da próxima seção, que possui muitos sinais criados por semelhança com objetos e ações.

3.1 Língua Gestual

Embora a língua gestual seja muitas vezes considerada uma língua de origem icônica, assim como a língua oral, ela é convencionalizada de maneiras diferentes entre os países. No Brasil, a língua gestual é denominada de Libras, e tem origem na língua francesa de sinais, e não na língua portuguesa como a língua oral.

Em geral, as línguas de sinais são classificadas por duas vias estruturais: uma lexical e outra iconizadora (CUXAC, 2000). A via lexical será discutida neste artigo em relação aos seus aspectos de arbitrariedade, enquanto a via iconizadora, ou via das estruturas de grande iconicidade, será relacionada com os mecanismos capazes de redesenhar a experiência que se pretende transmitir.

3.1.1 Sinais icônicos

Os sinais ditos icônicos são aqueles que, na definição de Cuxac (2000), possuem uma via estrutural iconizadora. Esses sinais possuem estruturas de transferência, que consistem em recursos cinestésicos capazes de reproduzir de maneira formal os contornos das formas e os deslocamentos no espaço dos agentes em relação a um ponto fixo. Sendo assim, através delas são construídas referências que descrevem eventos que interagem visualmente, ativando aspectos cognitivos, que reconstróem experiências da memória através dos movimentos do corpo (KAPITANIU, 2011).

Pela definição peirceana, em um ícone, a relação signo-objeto indica uma qualidade ou propriedade de um objeto por possuir certos traços (ao menos um) em comum com o referido objeto (EPSTEIN, 1997). Sendo assim, a iconicidade da Língua de Sinais (LS) está na sua capacidade de reproduzir a forma dos objetos, seus movimentos e relação espacial, o que o torna transparente e permite a motivação entre o signo e o objeto (QUADROS; KARNOPP, 2004). Assim, ela está relacionada com o quanto um significado é visível a uma pessoa que nunca viu e não possui familiaridade com determinado sinal ou símbolo (CAPOVILLA; RAPHAEL 2005).

A transparência de um sinal permite que ele possa ser interpretado e o significado ser entendido a partir da figuratividade (SILVA, 2009; QUADROS; KARNOPP, 2004). Silva (2009) salienta que a transparência é relativa, porque a forma dos objetos ou movimentos que originaram o sinal pode variar no tempo, perdendo a sua motivação inicial. Um exemplo é o sinal “leite” que faz referência ao ato de ordenha, que hoje ainda pode ser considerado um sinal icônico. Todavia, para as futuras gerações a motivação de sua representação tende a se tornar uma convenção, o que faz com que o sinal passe a ser arbitrário e de valor simbólico. Sinais como o de “leite” são frutos de um processo histórico e com o passar do tempo não representam mais os artefatos e procedimentos atuais, sendo percebidos e interpretados apenas por meio da arbitrariedade e da convenção.

Pode haver, contudo, sinais com diferentes graus de iconicidade. Um sinal pode não se assemelhar ao objeto que representa pela forma, mas apresentar, de alguma forma, uma similaridade por meio de expressões faciais ou movimentos. Um exemplo é o sinal “triste”, que possui como configuração de mão o sinal "Y", localizada abaixo do queixo, em movimento de meia lua. O sinal nada tem a ver com o que a palavra representa, no entanto, a expressão facial de tristeza que acompanha o sinal, dá indícios de que seu significado pode não ser muito agradável (FRYDRYCH, 2012).

Falar de sinais icônicos em Libras pode parecer comum, no entanto o sinal de “casa”, por exemplo, motivado pelo formato do telhado de uma casa é também usado para o sinal de “morar” que pode ser usado para “moradia” em diferentes formatos de residência, como por exemplo, casa, apartamento, cabana etc. Embora o sinal possa ter sido motivado na sua criação por um tipo de casa, passou a ser usado de forma muito mais abrangente. Sendo isto muito comum nas línguas de sinais. Os sinais passam a ser signos linguísticos altamente arbitrários e passam a integrar o léxico da língua.

3.1.2 Sinais arbitrários

Embora alguns sinais sejam motivados pelas características dos objetos que representam, a maioria dos sinais em Libras não mantém relação direta com os objetos a que se referem (STROBEL; FERNANDES, 1998), sendo tão arbitrários quanto as palavras (QUADROS; KARNOPP, 2004). Segundo Klima e Bellugi (1979), muitos sinais são constituídos por uma composição de valores formativos, como configurações de mão ou pontos de articulação, que diferenciam os sinais uns dos outros.

Qualquer pessoa pode estabelecer um código, porém, as codificações que são de domínio geral, ou seja, as codificações que são compreendidas por um maior número de pessoas ao longo do tempo são as que foram convencionalizadas, sendo estas, de valor simbólico.—Desta forma, assim como em qualquer língua, o uso dos sinais e o surgimento de novos resultam das necessidades comunicativas das pessoas. Segundo Oliveira (2010), na Libras, o acervo lexical se renova constantemente assim como em outras línguas, sendo que as comunidades surdas discutem e criam neologismos para atender às suas demandas. Embora por um lado a criação terminológica implique na necessidade de um conhecimento preciso dos sistemas de derivação e composição da língua, por outro também depende da aceitação e das práticas dos seus falantes, ou seja, a convenção.

4 Reflexão

A classificação quanto à arbitrariedade e à iconicidade da língua de sinais pressupõe que muitos dos sinais considerados icônicos, assim o são por serem semelhantes quanto à forma dos objetos que representam. Essa característica não contraria os pressupostos da tríade peirceana, mas difere dela em alguns pontos. Peirce denominou de ícones aqueles sinais que antes de produzirem significado provocam sensações como o da primeiridade, ou seja, produzem sentimentos que não precisam ser codificados, nem explicados. Assim, em um primeiro momento, os sinais foram criados baseados na similaridade, despertando a sensação de reconhecimento do objeto pelo interpretante. Com o passar do tempo esses sinais se tornaram convencionais, estabelecendo uma língua, e passaram a provocar no interpretante não mais o reconhecimento do objeto, mas o reconhecimento do sinal que representa o objeto. Isso permitiu que algumas formas originais do objeto evoluíssem no tempo, sem que o sinal deixasse de representá-lo. É o exemplo do sinal “leite” citado anteriormente. Embora o ato da ordenha possa não vir a ser reconhecido pelas futuras gerações, isso não trará maiores consequências para o sinal “leite”, que já está convencionalizado e aceito pela cultura.

Por outro lado, se esse mesmo sinal for introduzido para um grupo que não conhece a língua de sinais e for capaz de despertar nestes interpretantes o reconhecimento do objeto, então o sinal está atuando pela via da iconicidade porque, nesse caso, o não conhecimento prévio sobre o sinal faz com que ele só seja interpretado pela sensação de semelhança com o objeto e não pela convenção. O mesmo poderia acontecer nas línguas orais, embora em menor grau, com o uso de onomatopeias. O que fica claro na definição de Peirce é que, para ser icônico, o sinal não pode ter um significado anteriormente estabelecido, porque o que será lembrado será essa relação de convenção e não o objeto representado em si.

No entanto, nas línguas de sinais existem os chamados classificadores, que embora já possuam as configurações de mãos previamente estabelecidas, utilizam o desenho do objeto para representá-lo, delineando no ar os contornos, as formas e as espessuras do objeto, utilizando para isso algumas expressões faciais já convencionalizadas, mas que no contexto da sinalização não representam propriamente um sinal. Esses classificadores estariam mais próximos do que Peirce definiu como

ícones, porque não são representados por todos os "falantes" da língua de uma mesma maneira, necessitando provocar no interpretante a sensação de reconhecimento do objeto.

5 Considerações finais

A linguagem é tudo que envolve significação para o sujeito, sendo necessária a convenção para que um sistema de códigos se estabeleça e passe a comunicar significados. Na semiótica peirceana, a produção de significados ocorre através do processo de semiose, sendo os signos os elementos que produzem tais efeitos e representam algo para alguém. No contexto das línguas gestuais, estes signos são os sinais que compõem a língua.

Por conseguinte, o processo de significação se dá pela dinâmica entre os três componentes de um signo: o *representâmen*, o objeto e o seu interpretante. Estes signos, por sua vez, possuem qualidades representativas, sendo elas as de ícone, índice e símbolo. Nesta acepção, percebe-se a influência da cultura no estabelecimento de uma língua, além de aspectos na sua composição que se relacionam a conceitos de arbitrariedade e iconicidade. Tanto a arbitrariedade quanto a iconicidade são noções importantes à consideração do que faz as línguas, inclusive as de sinais, serem línguas.

A arbitrariedade é fundamental para a constituição de um sistema linguístico, sendo uma característica presente tanto nas línguas orais como nas gestuais. Para que passe a constituir uma língua, deve passar por um processo de aceitação, ou seja, uma convenção social entre os falantes de uma língua. Portanto, mesmo que um sinal tenha uma motivação icônica, para que seja considerado como parte da língua deve estar no nível simbólico na teoria de Peirce.

A iconicidade, por sua vez, é uma característica enfatizada na discussão sobre as línguas de modalidade visual-gestual. Enquanto nas línguas orais a iconicidade se dá pela reprodução dos sons que caracterizam um determinado objeto, como as onomatopeias, nas LS, a iconicidade se dá pela representação que se constrói pelo movimento das mãos, corpo e expressões faciais. Esses elementos, os chamados classificadores, podem ser utilizados para representar características visuais de objetos singulares, trajetórias, mas também relações entre elementos em uma dada situação. Nesse contexto, podem ser identificados diferentes graus de iconicidade pela combinação de elementos visuais.

Referências

- CAPOVILLA, F. C.; RAPHAEL, W. D. **Enciclopédia da Língua de Sinais Brasileira: o mundo do surdo em Libras - Palavras de função gramatical**. v. 8. São Paulo: (Fundação) Vitae, Fapesp: CAPES: EDUSP, 2005.
- CHAMARELLI FILHO, M. Linguagem, cultura e cognição: uma abordagem linguístico semiótica. **Travessias**. n. 1. p. 1- 10, 2008.
- CUXAC, X. La Langue des Signes Française (LSF). Les voies de l'iconicité. **Faits de Langues**, p. 15-16. Paris, 2000.
- EPSTEIN, I. **O signo**. São Paulo: Ática, 1997.
- FIORIN, J. L. (Org.). **Introdução a linguística: Objetos Teóricos**. 6 ed., São Paulo: Contexto, 2010.
- FRYDRYCH, L. A. K. Rediscutindo as noções de arbitrariedade e iconicidade: implicações para o estatuto linguístico da Língua de Sinais. **ReVEL**, v. 10, n. 19, 2012.
- GREIMAS, A. J.; COURTÉS, J. **Dicionário de semiótica**. São Paulo: Contexto, 2008.
- KAPITANIU, R. B. de S. Cultura e funções sógnicas: uma análise da mediação semiótica no desenvolvimento histórico, social e linguístico do sujeito surdo. **Ciências & Cognição**, v. 16, n. 2, ago. 2011.
- KLIMA, E.; BELLUGI, U. **The signs of language**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1979.
- MACHADO, I. **Escola de semiótica soviética: a experiência de Tartu-Moscou para o estudo da cultura**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- MEIER, R. P. **Modalidade e Aquisição de Língua: estratégias e restrições na aprendizagem dos primeiros sinais**. In: QUADROS, R. M. (Org.) **Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais**. Petrópolis, Rio de Janeiro: Arara Azul, p. 211-224, 2008.
- NÖTH, W. **Handbook of Semiotics**. Bloomington: Indiana University Press, 1995.
- OLIVEIRA, J. S. **Glossário Letras-Libras como ferramenta para formação/consulta de Tradutores**. In: II Congresso Nacional de Pesquisa em Tradução e Interpretação de Língua de Sinais Brasileira, 2010, Florianópolis. **Anais...** 2010.
- PIERCE, C. S. **Semiótica**. 3 ed., São Paulo: Perspectiva, 2005.
- PIGNATARI, D. **Semiótica & Literatura**. 6 ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2004.
- QUADROS, R. M. **O 'bi' do bilingüismo na educação de surdos**. In: Surdez e bilingüismo. 1 ed., v. 1, p.26-36. Porto Alegre: Mediação, 2005.
- QUADROS, R. M.; KARNOPP, L. B. **Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SANTAELLA, L. **O que é Semiótica**. São Paulo: Brasiliense, 1983.
- SAUSSURE, F. **Curso de Linguística Geral**. São Paulo: Cultrix, 2006.

SILVA, G. L. de A. **Mãos cheias de palavras num corpo que fala:** o discurso figurativo do sujeito surdo. 2009. (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2009.

STROBEL, K.; FERNANDES, S. **Aspectos linguísticos da língua brasileira de sinais.** Curitiba: SEED/SUED/DEE, 1998.